

Sombras Errantes

Museu Nacional de História Natural – Sala do Veado

2009

“Pensar a pintura pintando”

Com o título emprestado do híbrido literário de Pascal Quignard (também ele emprestado do título de uma composição para cravo de François Couperin), esta exposição reúne desenhos, pinturas e objectos de Lourenço de Castro, na qual se destacam os seus trabalhos mais recentes.

O programa, ou melhor, o método, de Lourenço de Castro parece centrar-se em: pintar sem tréguas.

Uma estratégia de autonomia que norteia o artista a partir do acto, sempre próximo do problema que reveste a pintura, situado pela sua natureza no confronto entre a cor e o caos já existente no suporte.

Embora alheio a qualquer filiação discursiva totalitária, o percurso de Lourenço de Castro toca, ainda assim, alguma da complexa história da pintura enquanto meio.

De concretas opções abstractas, passando por rasgos de paisagem, rostos/retratos, até à recente aproximação da chamada «pintura expandida», aqui fruto da relação entre a superfície do volume dos objectos tridimensionais e o campo pictórico, para além do suporte plano da tela ou do papel.

Há aqui esta necessidade, guiada por um código enigmático, que se inscreve no próprio corpo, o lugar de todas as paixões, encontrando no desejo de pintar os desafios de um rasto deixado visível.

Não é assim um mero acaso a escolha da Sala do Veado para realizar esta exposição, articulada com as características do próprio espaço cinzento, neutro e cru, onde a cor, a matéria e as formas, ganham novas possibilidades.

À entrada, no corredor de acesso, um conjunto de desenhos de diferentes séries, algumas mais antigas, são um preâmbulo da exposição. Entrados na sala, um volume escuro ao centro quebra o vazio. Ponto de partida ou chegada, desestabilizador ou organizador, das pinturas e dos objectos distribuídos pelas paredes.

É *esta* pintura que se expõe, no seu modo de fazer. Obras que mostram a sua própria produção, viva e positiva. Sem qualquer base referencial, a não ser auto-referente à pintura, colocam mais de perto o espectador, também ele criador do sentido, o da *sua* obra.

Entre a vida e a morte, a sombra do tempo, que tudo acompanha, nestes tempos, que já tudo ultrapassaram, tudo expõem e escondem.

Precisamos de voltar a espantar-nos e a perder-nos. Talvez aqui, ao ver estas obras, cada qual possa espantar-se e perder-se à sua maneira, porque, afinal dizem, que o caminho faz-se caminhando...

Rui Palmeiro
Maio 2009